



“SOU BAIRRISTA”: CRIAÇÃO DE VÍDEO-NARRATIVAS SOBRE E COM AS PESSOAS HABITANTES DO BAIRRO HERCULANO¹

Inês Santos Moura
Universidade do Porto / Universidade de Aveiro

Resumo

O presente artigo baseia-se numa pesquisa de dimensão antropológica, que mobilizou metodologias audiovisuais participativas, nomeadamente a foto elicitação e o vídeo participativo, como estratégias de produção de vídeo-narrativas, de pesquisa e análise do contexto social e habitacional da comunidade do Bairro Herculano, situada no Porto. O grupo participante desta investigação integrou dezanove moradoras e um morador, com idades compreendidas entre os 25 e os 81 anos, na sua generalidade, a residir no Bairro há mais de cinquenta anos. A conceção de narrativas audiovisuais constituiu uma oportunidade para a comunidade deste Bairro produzir autorrepresentações, e gerar espaço e significado para as vozes e experiências dos seus habitantes, trazendo as suas histórias a outras dimensões públicas (Hancox, 2017). O ato de narrar “é também discorrer sobre significados, analisar situações. Inversamente, discorrer sobre significados e analisar é também uma forma de narrar” (Barros, 2012, p. 8). As metodologias audiovisuais participativas possibilitam o estudo e a compreensão de lugares e realidades sociais diversas (Vailati & Godio, 2016). Por conseguinte, a participação das pessoas moradoras do Bairro Herculano, nas várias fases de desenvolvimento destas metodologias, permitiu a formação e agregação de perspetivas individuais e coletivas para a construção de vídeo-narrativas sobre o seu lugar e a sua comunidade.

Palavras-chave: metodologias audiovisuais participativas, vídeo-narrativas, Bairro Herculano

“SOU BAIRRISTA”: CREATION OF VIDEO-NARRATIVES ABOUT AND WITH THE RESIDENTS OF BAIRRO HERCULANO

Abstract

This article is based on an anthropological research, which mobilized participatory audiovisual methodologies, including photo elicitation and participatory video, as strategies for the production of video-narratives, research and analysis of the social and housing context of the community of Bairro Herculano, located in Porto. The participant group for this research included twenty residents, aged between 25 and 81 years old, living in the neighbourhood for over fifty years. The design of audiovisual narratives was an opportunity for the community of this neighbourhood to produce self-representations, and to generate space and meaning for the voices and experiences of its inhabitants, bringing their stories to other public dimensions (Hancox, 2017). The act of narrating “is also to discourse about meanings, to analyse situations. Conversely, to discourse on meanings and analyse is also a form of narrating” (Barros, 2012, p. 8). Participatory audiovisual methodologies enable the study and understanding of diverse places and social realities (Vailati & Godio, 2016). Therefore, the participation of the residents of Bairro Herculano, in the various stages of development of these methodologies, allowed the formation and aggregation of individual and collective perspectives for the construction of video narratives about their place and community.

Keywords: participatory audiovisual methodologies, video-narratives, Bairro Herculano

¹ Projeto de investigação de doutoramento financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia - FCT Ref: (SFRH/BD/131706/2017)

Introdução

O Bairro Herculano integra a história do espaço urbano da cidade do Porto desde finais do século XIX, altura da finalização da sua construção. É um espaço habitacional constituído por mais de cem casas, que tem permanecido e resistido no decorrer dos anos. Tendo em conta a sua morfologia, é entendido como uma ilha e está localizado na freguesia da Sé. Este espaço habitacional foi planeado para oferecer melhores condições de habitação para a classe operária (Teixeira, 2018).

O termo ilha é utilizado para descrever um conjunto de pequenas casas, que foram construídas para a classe trabalhadora, pessoas do Norte rural de Portugal que migraram para o centro da cidade do Porto para trabalhar na indústria nos últimos anos do século XIX, que subsistia com salários baixos.

As vídeo-narrativas desenvolvidas em colaboração com os habitantes do Bairro Herculano enquadraram-se num trabalho de pesquisa audiovisual participativo e antropológico. As pessoas habitantes do Bairro Herculano desempenharam um papel ativo e consentido em todas as fases do estudo, contribuindo com os seus materiais e perspetivas. A colaboração da comunidade envolveu a cedência de fotografias dos álbuns familiares dos participantes, um dos exemplos dessas imagens é a figura número um, que permitiu o aprofundamento do contexto social e histórico do Bairro.



Figura 1. A 5.^a rua do Bairro Herculano. Anos 60 do século XX. Fotografia do arquivo de Ofélia Nogueira.

Estas imagens, repletas de significados e memórias, foram fundamentais para a construção de narrativas representativas da comunidade. As pessoas moradoras partilharam os seus testemunhos, as suas experiências, visões e relações com o Bairro. Estes testemunhos e partilhas foram a base para a produção de um arquivo digital, que serviu como um recurso relevante para o desenvolvimento do Web documentário e consequente produção das vídeo-narrativas sobre o Bairro Herculano.

O estudo estabelece-se no campo da antropologia, considerando que, “qualquer filme é antropológico porque propõe dados sobre um contexto cultural e/ou sobre as dinâmicas que estão “por trás” da produção do filme” (Vailati, 2016, p. 56). As imagens são elementos importantes que marcam a sua presença em várias dimensões da vida quotidiana e também em áreas como a educação ou a informação (Campos, 2013). As imagens são um mote para a reflexão e através destas é possível a criação de “uma consciência da experiência de ver e compreender o mundo” (Amorim da Paz & Brandão, 2020, p. 5). Por conseguinte, a Antropologia pode ajudar a revelar o modo de observar a realidade e de a representar (Campos, 2012).

A construção coletiva de uma representação audiovisual de uma determinada comunidade, compõe-se por diferentes fragilidades que podem afetar o desenvolvimento de um autêntico e coerente trabalho teórico-prático de investigação colaborativo e participativo. Essas fragilidades poderão revelar-se na forma como essa representação e o respetivo trabalho de pesquisa é desenvolvido, como a situação de poder em que a pessoa investigadora poderá estar perante a comunidade. Esse poder poderá também estar representado através de recursos audiovisuais, como é o caso da câmara de filmar. Tal como explica Vailati (2016), “se, por um lado, essa ferramenta tem o efeito de fornecer um meio para visibilizar as condições dos grupos sociais subalternos e as lutas deles; por outro, muitas vezes impõe um particular padrão na construção das representações” (Vailati, 2016, p. 65).

Tendo consciência dessa posição de poder, vários cineastas, antropólogos e etnógrafos procuraram e procuram formas de trabalho e realização dos seus filmes e investigações com os diferentes grupos de

estudo, para atenuar e anular esse papel de provável dominância. Com isso, “o antropólogo redefine a ideia de reciprocidade que, em contextos de desigualdades sociais, precisa incluir os excluídos e desapropriar os poderosos do poder de intervenção e do controle sobre a imagem deles” (Vailati & Godio, 2016, p. 18).

Metodologias audiovisuais participativas

As reflexões sobre o papel da investigadora na relação com a comunidade do Bairro Herculano e no processo de desenvolvimento de uma pesquisa participativa, enquadram-se no conceito de sócio-montagem. Este conceito opera sobre três dimensões estéticas e analíticas. Numa primeira dimensão, os sujeitos são vistos e tratados como personagens performativas, capazes de participar no âmbito da sua própria narrativa. Na segunda dimensão, os contextos são os cenários que atuam em continuidade ou não continuidade com as performances. Por último, os discursos das personagens são como uma projeção de um guião social e coletivo (Godio, 2016, p. 37). Com isto, “o etnógrafo-cineasta — vai desenvolvendo novas posições, perspectivas e novos discursos, adquirindo certo senso de previsibilidade textual de cenários possíveis.” (Godio, 2007, p. 12). Existe um olhar que o cineasta cria e “pelo outro, uma auto mise en scène que vem do habitus e passa pelo corpo, pelas palavras e pelos gestos dos sujeitos filmados, exigindo deles o ajustamento à operação cinematográfica” (Godio, 2007, p. 12).

Na investigação desenvolvida, os sujeitos protagonistas foram os habitantes do Bairro Herculano, os contextos filmados centraram-se no Bairro e a área envolvente e os discursos manifestaram-se através da expressão das ideias, experiências e pensamentos dos residentes da comunidade sobre vários assuntos. As metodologias audiovisuais participativas adotadas na pesquisa apresentada foram o vídeo participativo, a foto elicitação e o cinema de observação, para auxiliarem o desenvolvimento de formas de trabalho colaborativo e participativo, em que essa relação de poder pudesse ser diminuída ou até mesmo deixar de existir na

relação de pesquisa entre a investigadora e os habitantes do Bairro Herculano. A figura número dois apresenta como foi realizada a articulação entre os vários métodos e metodologias participativas e como foram utilizadas na pesquisa com os habitantes do Bairro Herculano. A figura número dois ilustra a interligação entre os diversos métodos e metodologias audiovisuais participativas utilizadas no Bairro Herculano, destacando a forma como estas se complementam e convergem para facilitar a expressão e a cocriação de narrativas pelos residentes. O esquema visual apresentado desdobra-se da seguinte forma: com o intuito de aprofundar o processo de escuta dos residentes do Bairro Herculano e de avaliar a sua predisposição para a colaboração em grupo e para o uso de tecnologias digitais, procedeu-se à recolha dos tópicos de investigação mediante a aplicação de quatro inquéritos online. A interação com estes instrumentos de recolha de dados era possibilitada por dispositivos móveis através da leitura de códigos QR, que foram afixados em três locais preponderantes da via principal do Bairro. O Vídeo Participativo, por sua vez, permitiu documentar as experiências diárias e perspectivas sobre o Bairro. O método da Foto Elicitação, utilizada como ferramenta para incitar discussões e reflexões, incentivou os habitantes a selecionar imagens sobre aquele espaço e a discutir as histórias e memórias coletivas associadas ao Bairro. Por último, o Cinema de Observação, que foi aplicado para capturar momentos espontâneos e quotidianos no Bairro, proporcionou uma camada adicional de narrativa visual.

Considerou-se ser importante realizar um trabalho inicial de escuta com as pessoas moradoras do Bairro que estivessem disponíveis em colaborar na presente pesquisa. Essa escuta foi concretizada através de conversas e entrevistas exploratórias com algumas das pessoas moradoras, para assim identificar quais os assuntos que seriam mais relevantes a serem retratados e analisados no presente estudo e que se relacionavam com a vida no Bairro Herculano.

No decorrer da investigação foram recolhidos e utilizados alguns materiais, como fotografias (resultantes da foto elicitação), e foram criados conteúdos audiovisuais, através das entrevistas, do

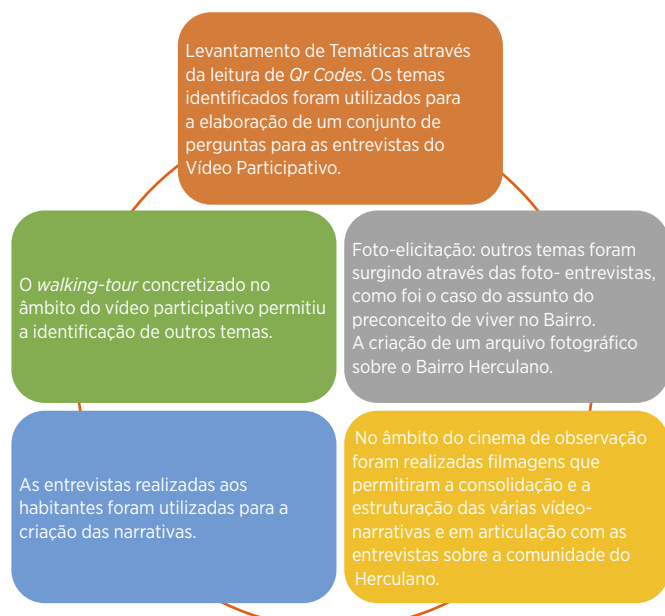


Figura 2. A interligação dos vários métodos e metodologias participativas sobre a pesquisa de doutoramento desenvolvida no Bairro Herculano.

vídeo participativo e de interações entre a investigadora e o grupo participante da comunidade do Herculano. No caso da foto elicitación, as pessoas moradoras do Bairro tiveram a oportunidade de participar através da seleção e cedência de fotografias, sugerindo outros habitantes para participarem nesse processo, da partilha de histórias, experiências e reflexões sobre a sua comunidade e da construção coletiva de um arquivo fotográfico sobre o Bairro Herculano. Nesse processo de trabalho colaborativo e participativo foram desenvolvidas seis foto-entrevistas, como é o caso da que foi realizada com a moradora Cristina Vidrigo. No momento da fotografia falada, esta habitante selecionou uma situação captada em 2004, como é apresentado na figura número três: “Foi no ano (...) do Europeu [Campeonato Europeu de Futebol] que foi aqui em Portugal. Nós enfeitámos o Bairro muito bonito. A minha amiga Patrícia estava desde o primeiro jogo até ao fim sempre vestida de Portugal. Eu e a minha sobrinha Natacha só decidimos vestir-nos no último jogo que perdemos” (Cristina Vidrigo, 4 de março de 2020).



Figura 3. Patrícia, Natacha e Cristina na rua central do Bairro. Ano: 2004, sem identificação de autoria. Do arquivo de Cristina Vidrigo.

Quando questionada sobre a escolha desta fotografia, Cristina comenta que “(...) esta foto diz-me, porque são aqui as minhas raízes. Eu nasci e fui criada na casa onde (...) me está a entrevistar, vivi aqui bons momentos. Éramos uma família, hoje em dia não podemos dizer isso.” (4 de março de 2020). A conversa sobre a fotografia apresentada também despoletou algumas memórias de infância:

Cristina Vidrigo - (...) eu andava a brincar quando o Bairro não tinha luz. A geração da minha sobrinha e da Patrícia já tiveram luz sempre, mas eu ainda sou da geração que não havia luz. E brincávamos à noite, as portas abertas. (...) podíamos dizer que aqui era uma família. (...) A família da parte do meu pai foi casando e ficando por aqui, as minhas tias (...) viviam na parte de baixo.” (4 de março de 2020).

O vídeo participativo permitiu também outras formas de participação e envolvimento das pessoas moradoras neste processo de pesquisa, como a possibilidade de sugerirem o que filmar e quem entrevistar, de gerarem sugestões sobre as narrativas desenvolvidas e através igualmente da partilha de testemunhos sobre a realidade da sua comunidade.

Tendo em conta os diferentes conteúdos audiovisuais produzidos, como entrevistas e o vídeo participativo, foram concebidas nove vídeo-narrativas para a cocriação de um Web documentário sobre o Bairro Herculano. As histórias foram

criadas e organizadas considerando uma estrutura narrativa que procurou contar e representar o passado, o presente e refletir sobre as possibilidades de futuro da comunidade do Herculanu. De modo não linear procuraram-se histórias e reflexões sobre o tempo passado, presente e futuro do Bairro, como era viver nesse espaço há trinta anos e as diferenças que existem em habitar esse lugar no presente. As narrativas foram estruturadas a partir do desenvolvimento que as várias temáticas tiveram nos momentos de conversa e pesquisa, como foram as partilhas realizadas na fotografia falada e nas entrevistas com o grupo participante.

As vídeo-narrativas produzidas assumem-se como retalhos de histórias e vivências desta comunidade, que procuram cocriar um retrato e uma autorrepresentação audiovisual dos testemunhos e das experiências vividas nesse lugar e em relação com a sua comunidade. A tabela número um apresenta os títulos e a respetiva organização das vídeo narrativas.

Tabela 1 – Títulos das vídeo-narrativas desenvolvidas com o grupo participante.

Passado	Presente	Futuro
- “Uma união de toda a gente” - “Nós aqui dentro tínhamos tudo” - “Brincávamos na rua”	- “Gosto do Bairro” - “Sou Bairrista” - “Uma aldeia” - “Isso é “Coffee”?” - “Aquela festa que faz parte de nós”	- “O mundo está cheio de promessas”
Ligação de acesso para o visionamento das vídeo-narrativas: http://bairroherculano.com/narrativas.html		

O processo de escuta e desenvolvimento de um trabalho participativo com o Bairro Herculanu permitiram reflexões sobre o que as narrativas desenvolvidas por estes habitantes expõem sobre a sua comunidade e o que trouxeram sobre si ao discurso público. Nesta sequência, apresentam-se cinco narrativas gerais, tal como revela a tabela número dois. As narrativas tratam de temas como a melhoria das condições de habitação, instalação da iluminação pública, laços sociais, e preconceitos associados ao espaço habitacional no bairro. As histórias das pessoas moradoras revelam a importância do espaço habitacional para a identidade e experiência comunitária, destacando mudanças e desafios enfrentados pela comunidade.

Tabela 2 – Narrativas desenvolvidas pelas pessoas residentes.

Narrativas desenvolvidas pelos habitantes que participaram na pesquisa	
De ação individual	As narrativas de ação individual centram-se nas histórias e reflexões que foram reveladas pelo grupo participante sobre o melhoramento de algumas das condições de habitação, através de obras de requalificação do seu espaço habitacional. Algumas das pessoas habitantes tiveram a oportunidade de comprar a sua habitação e realizar obras nesta e também os moradores arrendatários conseguiram realizar pequenas obras de requalificação. No entanto, outras pessoas residentes que não conseguiram fazer esse investimento vivem de forma precária, sem acesso a boas condições de higiene e salubridade.
De ação coletiva	A instalação da iluminação pública no Bairro Herculanu é um exemplo das narrativas de ação coletiva que foram trazidas pelas pessoas moradoras da comunidade. Algumas histórias emergiram sobre como a comunidade do Bairro se organizou para a implementação da iluminação pública, sobre o medo que o espaço público sem luz provocava às pessoas da comunidade e sobre também como esse foi um momento de celebração e festa.
Sobre a comunidade	As reflexões sobre os laços sociais e as relações de vizinhança na comunidade do Bairro Herculanu encorajaram à partilha de histórias sobre a existência de menos crianças no Bairro e aos poucos momentos de socialização no espaço público. Estimulando a atenção para a falta de visibilidade que esta comunidade tem perante os agentes administrativos locais, o preconceito existente associado a este tipo de habitação e a recetividade da comunidade a outros elementos exteriores, como é o caso dos turistas, e as relações com estes.
Sobre problemas que persistem no tempo	Algumas histórias surgiram sobre os aspetos menos positivos que persistem e afetam a vivência das pessoas habitantes do Bairro Herculanu, como são os casos, das quedas na rua principal do Bairro devido ao mau estado do piso e os problemas no sistema de saneamento e águas públicas da comunidade.
Sobre perspetivas futuras	De um modo geral, existe o reconhecimento das mudanças que o Bairro Herculanu tem experienciado nos últimos anos, tanto ao nível do edificado, como também das mudanças na comunidade. Um exemplo disso é a presença de novos elementos e o desaparecimento de pessoas pertencentes às gerações mais velhas da comunidade. A comunidade do Bairro Herculanu perspetiva-se num futuro próximo e daí advêm reflexões e histórias sobre como esse espaço e as pessoas que nele habitam se apresentarão numa realidade vindoura.

A relação das pessoas moradoras do Bairro Herculanu com o seu espaço habitacional

O espaço está presente nas vídeo-narrativas que o grupo de habitantes desenvolveu e surge de diversas formas, através da reflexão sobre a importância que tem para estas pessoas moradoras habitar esse lugar, o cuidado geral, existe com o espaço público, as transformações que o alojamento local tem realizado no edificado do Bairro e na dinâmica social e o preconceito associado a quem vive nesse local.

O tema do preconceito surgiu a partir de uma entrevista realizada com uma das moradoras, quando se conversava sobre como era e é viver no Bairro Herculano. Com vista a compreender como a comunidade do Herculano vive ou se alguma vez experienciou esse preconceito, pensou-se ser importante e pertinente o tratamento desta temática junto de outras pessoas habitantes. As pessoas moradoras foram questionadas sobre se sentiram alguma vez algum tipo de preconceito por residirem no Bairro Herculano e, nesse sentido, é possível afirmar que duas perspetivas surgiram sobre esta temática. A primeira reflexão mostra que algumas das moradoras afirmam nunca terem sentido qualquer tipo de constrangimento ou ocultado onde viviam aos seus colegas de trabalho e/ou amigos. Revelando também algum orgulho de serem do Bairro. Esta primeira análise manifesta que o olhar sobre esta temática foi direcionado para a forma como estas moradoras observam o espaço onde vivem.

Deste modo, algumas histórias foram contadas com o objetivo de reforçar esse sentimento de orgulho. Como foi o caso de Ofélia Nogueira, que explica: “não tenho preconceito nenhum de viver aqui no bairro. Estudei, as minhas colegas vinham cá todas. Eu nunca conheci a casa de nenhuma, mas elas conheceram a minha. Depois a minha mãe também era modista, depois gostavam das coisinhas. A tua mãe faz, depois vem vestir (...) vem não sei quê e eu não conheci casa de ninguém, mas elas conheceram a minha, por isso, nunca tive problema de dizer que morava no Bairro.” (25 de outubro de 2018).

A história que Ofélia recorda expressa o modo como a comunidade era recetiva em receber outras pessoas que não habitavam nesse espaço e o quanto sentia orgulho em apresentar a sua casa a outros. Era também uma forma de mostrar que o seu espaço era digno tanto quanto outros locais da cidade. No passado, esta moradora também explica que teve conhecimento de algumas pessoas que não colocavam a morada do Bairro Herculano nos seus currículos. Por pensarem que poderiam ser discriminados, optavam por fornecer a morada, por exemplo, da rua principal – a Rua Alexandre Herculano. Ofélia Nogueira comenta

que “para mim não foi um entrave, mas eu sei (...) que há pessoas para concorrerem a certas coisas não podem pôr, agora acho que já não é, que moravam no Bairro. (...) a designação de Bairro muitas vezes é preconceituosa em certos trabalhos. As pessoas normalmente omitiam a morada delas e davam outras moradas para terem acesso a empregos (...) só a palavra Bairro, às vezes é um bocadinho... agora acho que já passou essa fase.” (25 de outubro de 2018).

A moradora Cristina Vidrago explica que nunca mentiu sobre onde morava aos colegas de trabalho e à entidade empregadora, e o seu testemunho revela a noção de importância ou menos relevância que determinadas zonas da cidade têm: “eu estou há dezasseis anos como empregada doméstica, mas já trabalhei na pizzaria quatro estações. (...) Foi o emprego que eu mais adorei, foi o emprego que eu me senti realizada. Eles vinham-me trazer aqui e nunca escondi. Nem nunca disse que morava na Foz e vivia aqui no Bairro Herculano” (4 de março 2020).

No âmbito das foto-entrevistas e no respetivo contexto de conversa e reflexão, algumas das moradoras exibem também o orgulho em pertencerem e de terem nascido no Bairro Herculano, como é o caso de Paty Ribeiro: “(...) nunca houve preconceito. Aliás, ainda hoje tenho bastante orgulho de dizer que sou daqui, porque isto é o que eu sou (...) é o que faz parte de mim. E aquilo que eu sou hoje reflete (...) aquilo que eu vivi aqui, quando era miúda.” (4 de março 2020).

A moradora Júlia Pastor comenta também que “(...) trabalho na Liga [Portuguesa contra o Cancro], disse a toda a gente, digo às minhas voluntárias que são VIPS, julgam que são VIPS, e ficam escandalizadas, mas eu digo moro no meu Bairro. Adoro o meu Bairro. Também não tenho para onde ir. É o meu Bairro, (...) gosto de viver aqui (...). Não vou dizer que moro ali na Batalha e moro aqui no Bairro Herculano. É Bairro, é Bairro.” (26 de outubro de 2019).

Os testemunhos de mais habitantes encaminham uma segunda perspetiva, que está relacionada com os outros, como as pessoas que não pertencem a esse lugar observam o Bairro Herculano. Algumas das pessoas residentes, explicam que a

palavra Bairro está associada a alguma forma de preconceito e quando afirmam serem desse lugar expressam que existe um imaginário inadequado sobre esse.

Eva Vasquez - “(...) Às vezes eu digo que vivo num Bairro (...) e as pessoas dizem, “Em que Bairro vives? Não conheço.” (...) quando passam e vêem dizem: “que giro aquelas “ilhinhas”. Eu acho piada a essa definição que eles têm das “ilhinhas” (...) Se calhar, o ambiente que podem achar que é um Bairro que dá medo de entrar (...). Hoje em dia, acho que as pessoas ainda têm, se calhar, um bocadinho esse preconceito. (...) porque (...) têm a ideia disto também como um Bairro camarário onde tudo vem aqui parar, (...), mas eu acho que existe ainda esse preconceito.” (2 de novembro de 2019).

Sandra Alves - “Eu não tenho vergonha de dizer que moro num Bairro, eu sou bairrista ao fim e ao cabo, não é? (...) Só que o conceito de Bairro visto por muita gente, não é bem visto. (...) eu acho que até moro num Bairro que, realmente, é digno de ser visitado e visto.” (2 de novembro de 2019).

Hermínio Silva - “(...) a maior parte das pessoas de fora quando dizemos que se mora num Bairro associam logo a vandalismo, a droga, a pessoas com outro nível mais baixo, mas não é isso que acontece aqui.” (4 de novembro de 2019).

O grupo participante foi também questionado sobre se apreciavam viver no Bairro e quais eram os pontos mais positivos dessa vivência. No geral, todos afirmaram gostar de viver nesse espaço. Apenas uma das entrevistadas referiu que gostaria de mudar para outro lugar, explicando que, neste momento, não tem boas condições de habitação.

Susana Santos - “(...) não tenho ideias de continuar aqui a viver por muito tempo, não por o Bairro em si (...), mas (...) pelas condições. (...) eu tenho um filho pequenino e tenho a minha avó. (...) não tenho muitas condições. Mas claro que eu fui fazendo algumas coisas para adaptar, mas é uma casa pequenina, mas

aqui a maioria delas aqui são pequeninas, não tem assim casas muito grandes e espaçosas (...).” (22 de outubro de 2018)

Os outros moradores evidenciaram como fatores positivos, as pessoas, o ambiente calmo e a localização central do Bairro. De um modo geral, as reflexões das pessoas moradoras reafirmam o orgulho identitário e a resistência ao estigma, refletindo uma identidade comunitária robusta e uma perceção positiva do Bairro, que subverte qualquer noção depreciativa. No entanto, outros testemunhos trazem à luz a persistência de perceções estereotipadas relacionadas com a denominação ‘Bairro’, manifestando um imaginário social ainda marcado por preconceitos. Embora a maioria dos residentes manifeste uma experiência positiva, o relato de uma das moradoras, destaca as condições habitacionais como um fator limitativo, evidenciando a diversidade de vivências e aspirações no seio da comunidade.

A análise discursiva reflete uma dicotomia entre a identificação com o bairro e a experiência de estigmatização, ilustrando a dualidade das narrativas dos residentes do Bairro Herculano e as múltiplas camadas de significado que atravessam o discurso habitacional urbano.

Parte superior do formulário Parte inferior do formulário

Reflexões Finais

Nesta investigação foram proporcionados momentos de escuta para uma melhor adaptação e seleção das metodologias participativas a implementar. Esses ajustes facilitaram formas de envolvimento e participação das pessoas moradoras no desenvolvimento dos processos de trabalho, na produção e escolha de conteúdos multimédia.

Deste modo, foi desenvolvido um trabalho de cocriação mediado pela e com a comunidade na produção de narrativas e na sua representação audiovisual. O grupo de pessoas habitantes teve a oportunidade de ser um agente produtor e protagonista da representação, construção, geração de conhecimento da sua realidade. O trabalho

colaborativo, participativo e de implementação das metodologias audiovisuais participativas, produziram diversas narrativas e olhares onde foram evocadas experiências e vivências na comunidade do Herculano pelo grupo participante. As produções das narrativas audiovisuais sobre a comunidade do Bairro Herculano permitiram a coprodução de conhecimento através da reflexão sobre as fotografias, os vídeos e as entrevistas em análise. Os materiais audiovisuais recolhidos e produzidos, as entrevistas realizadas a partir de metodologias participativas proporcionaram a composição de um “puzzle” narrativo sob uma estrutura diegética baseada no passado, presente e futuro dos membros desta comunidade. O “puzzle narrativo” coconstruído apresenta o Bairro Herculano e o grupo participante tendo em consideração as diferentes memórias e perspetivas das pessoas envolvidas.

Inês Santos Moura Doutorada em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais pela Universidade de Aveiro e Universidade do Porto, é cineasta, fotógrafa e designer de comunicação. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3213-0603>
Contacto: inessantosmoura@gmail.com

Artigo recebido no âmbito da chamada aberta que decorreu até 21 de julho. Aprovado para publicação a 18 de dezembro de 2023.

Referências Bibliográficas

- Amorim da Paz, A. C., & Amarante Brandão, D. (2020). O fazer antropológico, a produção visual e as experiências da cidade. *Equatorial*. – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 7 (13) 1-12.
- Barros, J. D. (2012). Tempo e Narrativa em Paul Ricouer: considerações sobre o círculo hermenêutico. *Revista de História e Estudos Culturais*, 9 (1), 1-27.
- Campos, R. (2012). A cultura visual e o olhar antropológico. *Visualidades*, 10, 17-37.
- Campos, R. (2013). Introdução à Cultura Visual. *Abordagens e Metodologias em Ciências Sociais*. Editora Mundos Sociais.
- Godio, M. (2007). As consequências da visão: notas para uma sócio-montagem etnográfica. *Revista Antropologia em Primeira Mão* (83), 1-31.
- Godio, M. (2016). El poder y la mirada en la experiencia audiovisual. In A. Vailati, M. Godio, & C. Rial, *Antropologia Audiovisual na Prática* (pp. 25-52). Cultura e Barbárie.
- Hancox, D. (2017). Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies, 23, 49-60.
- Teixeira, M. C. (2018). Habitação popular na cidade oitocentista – As “Ilhas” do Porto, 2.ª edição. Edições Afrontamento, Lda.
- Vailati, A. (2016). O Documentário Social. In A. Vailati, M. Godio, & C. Rial, *Antropologia Audiovisual na prática* (pp. 53-80). Cultura e Barbárie.
- Vailati, A., & Godio, M. (2016). Introdução. In V. Alex, M. Godio, & C. Rial, *Antropologia Audiovisual na Prática* (pp. 9-24). Cultura e Barbárie.